

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT05.005

## UMA CRÍTICA AO PAPEL DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NARCISISMO COLETIVO

Geraldo Freire de Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O capitalismo é um conceito supra econômico, como todo modo de produção, é também o principal determinante, acompanhando o pensamento de Karl Marx, das formas sociais da superestrutura, dentre elas a Educação. Em seu estágio atual de aceleração do acúmulo de riqueza, ele foi impelido a desbravar terras antes inexploradas, investindo cada vez mais no aprofundamento do papel da imagem na formação cultural mediante o condicionamento psíquico humano já a partir do seu narcisismo. Assim, em meio às discussões hodiernas sobre o uso das tecnologias, e seus congêneres, no âmbito da Educação, percebemos que poucos levantam previamente a seguinte questão: como educar utilizando-se daquilo que necessariamente impõe uma dispersão cognitiva? Onde há a imposição da dimensão do prazer, é bastante improvável que reste a energia mental indispensável aos esforços do ato de aprender, não à toa a poderosa indústria da distração imagética, fomentada pelo capital, foi velada através do emprego de termos cínicos e nada pedagógicos como “interatividade”, “entretenimento” e “gamificação”. Apesar dos esforços históricos de universalização da Educação e de uma maior democratização do conhecimento e da informação útil, é socialmente perceptível que o poder das ideologias narcísicas, facilitado por tal indústria, tem alcançado níveis de influência nunca imaginados, cada vez mais

1 Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS): [geraldo.freire@ifrn.edu.br](mailto:geraldo.freire@ifrn.edu.br)

potentes e de difícil superação. Diante desse contexto, esse trabalho tem por finalidade apresentar uma análise conceitual, pelo viés da obra educacional de Theodor Adorno – entreposto pelos saberes psicanalítico, filosófico e da psicologia social –, mediada pelo conceito dialético-explicativo de “coletivo narcísico”, que possui o propósito de examinar e compreender algumas formas ideológicas correntes, manifestadamente relacionadas ao imperativo moral exercido pelo fascínio da imagem, que motivam a persistência de tendências autoritárias nas sociedades. Propomos, portanto, uma análise sobre o posicionamento e alguns possíveis rumos da situação educacional presente, determinada pelos preceitos do narcisismo em sua forma coletivizada.

**Palavras-chave:** Educação, Adorno, Coletivo narcísico, Imagem, Ideologias.

## INTRODUÇÃO

### O MAL-ESTAR ESFÍNGICO NA SOCIEDADE OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA

A presente pesquisa nasce da urgência de decifrarmos um mal-estar específico na educação ocidental contemporânea, uma indisposição social de aspecto esfíngico que transcende a mera aparência e o apreensível. Este trabalho busca articular um diagnóstico filosófico e psicossocial da crise atual na educação, ancorado na percepção de um *ethos* social perigosamente narcísico.

O ponto de partida para esta investigação foi um *insight* teórico e uma série de eventos socioculturais que, em conjunto, apontaram para uma grave distorção no processo de identificação subjetiva e de sua relação com a História na sociedade ocidental. A síntese inicial do pensamento, formulada a partir de vocábulos antitéticos, o “coletivo narcísico”, revelou-se um conceito apto a nomear a nova configuração social.

O termo “coletivo narcísico” foi retirado, *ipsis verbis*, da obra adorniana, e nela podemos encontrar mais de um sentido, mas todos expressam a mesma percepção intelectual sobre um narcisismo como manifestação de um sintoma social, ou um narcisismo socializado, que influencia a psique individual por meio de um complexo que preexiste até mesmo ao sujeito.

O *narcisismo coletivo* alimentado por tal mecanismo faz com que as pessoas compensem a consciência de sua impotência social – consciência que penetra até em suas constelações instintivas individuais – e, ao mesmo tempo, atenuem a sensação de culpa por não serem nem fazerem o que, em seu próprio conceito, deveriam ser e fazer. Colocam-se a si mesmos, real ou imaginariamente, como membros de um ser mais elevado e amplo, a que acrescentam os atributos de tudo o que lhes falta e de que recebem de volta, sigilosamente, algo que simula uma participação naquelas qualidades (Adorno, 1996b, p. 403, grifos meus).

Esse conceito já permeava toda a obra *Estudo sobre a Personalidade Autoritária* (Adorno, 2019) (*Studies in the Authoritarian Personality*),<sup>2</sup> de 1950, ainda que de forma subjacente, e podemos encontrá-lo, principalmente, de forma explícita ou de forma indireta, em seus textos que mais se aproximam dos temas da educação e da psicanálise, tais como *Teoria da Semicultura* (Adorno, 1996), de 1959, *Educação e Emancipação* (Adorno, 1995a), (no texto “O que significa elaborar o passado”, de 1959), *A ideologia como linguagem*, de 1967 (Adorno, 1971), *Aspectos do novo radicalismo de direita* (Adorno, 2020),<sup>3</sup> de 1967, e *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise* (Adorno, 2015).<sup>4</sup>

A necessidade dessa crítica reside na constatação de que o substrato que gerou as atrocidades do século XX (o fascismo, o autoritarismo) não foi erradicado, mas sim reconfigurado e globalizado sob a égide do capitalismo tardio e da cultura da imagem digital. Eventos como a receptividade acrítica à figura de Hitler, como demonstrado em *Ele Está de Volta*, de Timur Vermes<sup>5</sup>, *tratada* como um “personagem” popstar, e a reabilitação progressiva da imagem de Josef Stalin na Rússia, sublinham uma naturalização fetichizada de um passado atroz. O desconhecimento da História se iguala à indiferença, causada pela indústria cultural, por meio da qual facínoras circulam como mercadorias banais ou celebridades *pop*, diluídos na rede da massa e no imperativo do *selfie*. Como ressalta Eco (1965, p. 379): “[...] uma educação através das imagens foi típica de todas as sociedades absolutistas e paternalistas; desde o antigo Egito até a Idade Média”.

2 A partir daqui nos referiremos a esta obra simplesmente como *A Personalidade Autoritária*.

3 No texto de Volker Weiss, que em algumas traduções acompanha a obra como prefácio ou como posfácio, também podemos encontrar os termos “narcisismo coletivo” (Weiss, 2020, p. 90) e “narcisismo socializado” (Weiss, 2020, p. 91).

4 O texto *Educação e Emancipação* é na verdade um copilado de falas radiofônicas compreendidas entre 1959 e 1969, e *Ensaios sobre Psicologia Social e Psicanálise*, por sua vez, é uma reunião de textos retirados de palestras de Adorno, proferidas entre os anos 1940 e 1950.

5 O livro *Ele está de volta* (*Er ist wieder da*) foi lançado em 2014, e o filme homônimo, baseado no livro, lançado no ano seguinte.

Este novo imperativo social, compulsivo e irracional, ergue-se sobre os escombros dos ideais republicanos, democráticos, dos direitos, da diversidade e da intelectualidade. A tecnologia, ao encurtar as relações, aproxima o indivíduo de objetos de identificação de maneira copiosa, pouco importando se são ditadores sanguinários ou artistas insossos do *K-pop*. O homem contemporâneo, de forma geral, a partir da falência da sua subjetividade e das experiências formativas, clama por um objeto para identificar-se como último recurso existencial, resultando em uma sociedade marcada pela intolerância e pela agressividade, na qual a dúvida e o estranhamento são exceptuados em favor da angústia e do pânico generalizado, daí uma formação subjetiva fortemente danificada: “O mecanismo da adaptação às relações enrijecidas é ao mesmo tempo o enrijecimento do sujeito em si” (Adorno, 2015, p. 94).

Partindo desse quadro de objeções e novos tipos de relações sociais, de caráter altamente articulados (globalizados), apresentamos algumas prévias interrogações e dois pressupostos que guiarão esse trabalho: “Como é possível que o extermínio capitalista da natureza e aniquilação do sujeito sejam simultaneamente reconhecidos como intoleráveis e ainda assim perpetuados?” (Dröge et al, 2023, p. 37, grifos do autor). Mesmo considerando o alto poder das ideologias, onde e como ainda é possível se fazer sentir as contradições da socialização capitalista? Somente o aspecto objetivo das relações virtuais é capaz de justificar como os modos autoritários-regressivos de processamento de contradições tornaram-se capazes de associação? É ainda possível delinear formas diferentes de organização das relações sociais? Se sim, onde e como começam as ações de emancipação política e que atores políticos as podem perpetrar? Quanto aos dois pressupostos: (1) apesar dos esforços de universalização da educação e de uma maior democratização do conhecimento e da informação, é socialmente perceptível que o poder das ideologias tem alcançado níveis de influência nunca imaginados, tornando-se cada vez mais potentes e de difícil superação; (2) o enredamento entre sistema e sujeito não se explica somente com base na forma objetiva das relações sociais, resolve-se tam-

bém, e principalmente, mediante fundamentos psíquicos inerentes aos seres humanos, os quais são devidamente reconhecidos e manipulados por tais sistemas. O processo de captura do narcisismo coletivizado, como um *ethos* social, uma nova forma de existir na e da sociedade, não é necessariamente uma síndrome individual, mas se nutre de ideologias que agem na zona do narcisismo, isto é, no pré-Eu do sujeito.

Na medida em que os interesses da uma minoria poderosa se impõem contra os interesses racionais da maioria, isso não ocorre mais contra tal maioria, mas através dela. A isso se prestam mecanismos psicológicos manipuláveis, precisamente porque os modos de comportamento necessários à tendência da dominação em tais situações são irracionais (Adorno, 2015, p. 128).

Assim, torna-se necessário atualizarmos a Teoria Crítica, nos utilizando do arcabouço teórico de Freud, Marx e Adorno para requalificarmos a crítica à sociedade pós-guerra e principalmente a contemporaneidade mais atual, examinando como o capitalismo tardio se apropria do aspecto imaginário do sujeito e como as novas formas de comunicação digital (internet-totalitária) se tornaram instrumentos de expansão da administração total, criando uma “sociedade hiper-massificada”, como nos lembra Le Bon (2018, p. 67): “[...] as multidões só conseguem pensar por imagens, só se deixam impressionar por imagens”. Precisamos, portanto, criticar o papel da Educação/Cultura coeva, analisando o impacto da “semiformação” e da “barbárie estética” (Nietzsche/Adorno) no contexto da massificação digital, através da qual produtos culturais acessíveis a mentes não preparadas são consumidos de forma autoritária, pelos quais a reflexão e o aprofundamento são destruídos pela tendência à “positividade” e pelo imperativo do desempenho.

A sociedade atual, entretanto, é “totalitária” também no fato de nela os seres humanos como tais, talvez de forma mais abrangente do que antes, igualarem-se a energia do seu Eu ao movimento da sociedade; de forma a impulsionar cegamente sua autoalienação até a imagem, ilusória da igualdade entre o que são para si e o que são em si (Adorno, 2015, p. 106).

## METODOLOGIA

### A TRIÁDE DIALÉTICA E O REFINAMENTO CONCEITUAL

O método empregado nesta pesquisa é eminentemente dialético, visando a construção coerente e progressiva do conceito central de “coletivo narcísico” por meio da tensão, negação e síntese de três grandes paradigmas de pensamento contemporâneo: a Filosofia da Psicanálise (Freud e Lacan), a Crítica da Economia Política (Marx) e a Teoria Crítica (Adorno e Horkheimer).

Nossa proposição, de tal modo, não é linear, mas sim construída em torno de um conceito que se enriquece historicamente seguindo uma lógica que vai do individual-psíquico ao social-estrutural. A fundamentação psicanalítica desse trabalho se inicia a partir da mitologia em torno de Narciso, não como mero símbolo, mas como forma simbólica que se converte em conceito. Ao nomear as “feridas narcísicas do homem”<sup>6</sup> a psicanálise freudiana revelou a precedência do narcisismo sobre o Eu, logo também sobre a consciência, desta forma, o conceito de narcisismo foi então mobilizado para além da patologia individual, sendo examinado em sua função psíquica (transformar a fragmentação em imagem de completude) e sua face social (a impossibilidade de amar o outro e a quebra do laço social).

O narcisismo é a forma da energia pulsional em que o eu se apoia, segundo o tipo freudiano anaclítico, quando avança a seu supremo sacrifício, o da própria consciência. Para este narcisismo apontam, com uma força probatória irrefutável, todos os resultados de pesquisa da psicologia social sobre

6 Em seu texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, de 1917, Freud enumera as três grandes “feridas narcísicas do homem”. A descoberta de que a Terra não é o centro do universo (Copérnico), a descoberta de que o homem é resultado de um processo de evolução biológica (Darwin), e não o centro da natureza biológica, e a descoberta de que “não somos senhores em nossa própria casa”, ou seja, não somos conscientes e nem controlamos plenamente nossos pensamentos (o próprio Freud). Em um só raciocínio, Freud destaca a decaída de três grandes aspectos de Narciso: seu orgulho desmesurado, sua gigantesca autoestima e o seu insuperável amor-próprio.

as regressões atualmente preponderantes, em que o eu é ao mesmo tempo negado e enrijecido de forma falsa e irracional. O *narcisismo socializado*, tal como caracteriza os movimentos e disposições mais recentes das massas, unifica completa e impiedosamente a racionalidade parcial do interesse próprio com aquelas más formações irracionais de tipo destrutivo e autoaniquiladoras, cuja interpretação Freud ligou à pesquisas de MacDougall e Le Bon. *A introdução do narcisismo conta como uma de suas descobertas mais significativas, sem que a teoria até hoje tenha se mostrado à altura dela* (Adorno, 2015, p. 110, grifos meus).

A contribuição de Lacan, especialmente sobre o conceito de “imaginário de “simbólico”, como o vínculo libidinal pelos significantes, é utilizada aqui para mediar a crítica adorniana.

O que aproxima a perspectiva de Adorno com a de Lacan não é apenas uma homologia entre conceitos, uma paridade de diagnósticos, nem mesmo uma crítica comum aos descaminhos da psicanálise dos anos 1950, mas uma apreensão dialética, negativa, da tarefa e de suas condições de possibilidade práticas (Dunker, 2015, p. 28).

O pensamento marxiano é fundamental para compreendermos e relacionarmos os conceitos de alienação, de fetichismo da mercadoria e a exploração do trabalho. As proposições de Adorno funcionam como ponto de convergência, sendo o elo entre Freud e Marx. A Teoria Crítica, ao analisar a estrutura do sujeito, a economia e a sociedade, e ao perceber a permanência do fascismo no pós-guerra (*A Personalidade Autoritária*), fornece as ferramentas para entendermos como o capitalismo se apropria do imaginário e da subjetividade.

A síntese dialética desses autores (a trindade dialética) permite forjar o conceito de coletivo narcísico como um regime social que integra as patologias psíquicas da performance (Han, 2017), o autoritarismo político e a indústria cultural digital, culminando na “massificação do positivo” e na autoexploração.

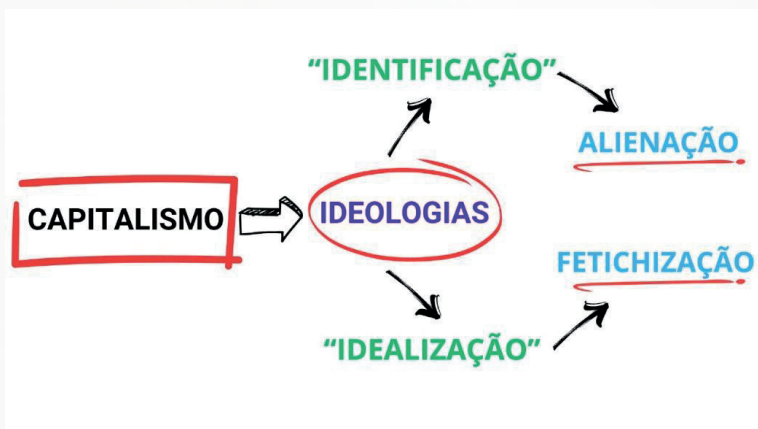
Nossa metodologia incorpora a crítica da cultura de massa e da indústria cultural para ilustrar e validar o diagnóstico do comportamento da massa digitalizada. Desde a época do lançamento da obra *Dialética*

do *Esclarecimento*, o conceito de indústria cultural permanece como a matriz da indústria da diversão: “O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão [...]” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 148); todos devem ser capturados, igualmente, pelo ciclo indistinto da distração. Todos os setores da vida, inclusive os espaços formativos, devem sempre seguir uma trilha de atuações que só se realizem no prazer fácil e imediato. A análise da condução afetiva (empírica) da vida destaca, devido a sua condição reiterativa, por um lado uma regressão ou mesmo uma perda subjetiva por meio de um “encantamento dos sentidos” (Adorno, 1996a, p. 67), e por outro a ordenação das consciências com suporte de ideologias positivadoras. Ambas promovem uma semiformação, uma banalização da individualidade que beira ao infantilismo e à estupidez, um embotamento do espírito. O trabalho, a educação, os negócios, a política, o consumo, a religião, as tradições, o ócio, a cultura de forma geral, devem ser percebidos como um só feito que possa ser medido pela régua da diversão, a qual exige do sujeito esforços mentais extremamente complexos ao mesmo tempo em que o infantiliza.

De tal modo, a áurea social alegre e colorida, que distrai os consumidores ao mesmo tempo que os controla, imputa nos indivíduos uma mentalidade de que a finalidade de toda e qualquer ação, ou relação social, deve ser intercedida pela diversão, a qual já consta, previamente, com uma indústria pronta para “oferecer” o produto ideal para satisfazê-los, impondo uma percepção de desconfiança, de inutilidade, de rechaço e hostilidade sobre tudo o que não pareça divertido, como por exemplo o mundo teórico, a academia e as relações educacionais e políticas sérias, assim, “[...] a quantidade da diversão organizada converte-se na qualidade da crueldade organizada” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 129). A cultura, portanto, no mundo administrado, só pode apresentar-se como cultura administrada, que é o mesmo que uma indústria cultural. O caráter fetichista da mercadoria, sob a perspectiva psicológica, não se encontra precisamente na necessidade de utilização ou mesmo no regozijo da obtenção da mercadoria (do produto) em si mesma, segundo

Adorno (1996a), que já ressaltava este mecanismo desde o texto *O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição* (Adorno, 1996a), de 1938, na verdade ocorre uma inversão do valor de uso pelo valor de troca, por sua vez de caráter puramente abstrato. O objeto de prazer é travestido, de forma antecipada, pelo próprio ato de trocar (comprar, consumir) em si e não propriamente pela pose ou usufruto da mercadoria.<sup>7</sup>

O que transparece em tais letreiros monstruosos é o valor de troca, no qual o *quantum* do prazer possível desapareceu. Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do “homem” (Adorno, 1996a, p. 77, grifo do autor).



Fonte: elaborado pelo autor.

Embora o tema da Educação não seja um objeto de análise isolado, ele perpassa a discussão metodológica e de resultados sob a ótica da semiformação (Adorno). A crítica à democratização da cultura digital é tratada aqui como um problema pedagógico, na qual a acessibilidade irrestrita a bens culturais para “mentes não preparadas, não educadas” leva à barbárie estética e ao consumo autoritário (não reflexivo) do signo e da imagem. O papel da educação é, implicitamente, a única via de eman-

7 Vide, por exemplo, todo fetichismo em torno do uso das “marcas” dos produtos.

cipação contra a forclusão da dúvida, da crítica e da reflexão imposta pelo narcisismo coletivo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE COLETIVO NARCÍSICO: UM ETHOS DE IMAGEM E ANGÚSTIA

A indústria cultural produz e reproduz a distração, a qual o sujeito não mais busca, ela é entregue, previamente calculada. Assim, percebemos que no seio das discussões sobre o uso das tecnologias e seus congêneres no âmbito da educação, poucas pessoas questionam previamente: como educar com o uso daquilo que distrai? Não à toa, a indústria da distração foi velada através dos nomes cínicos de “interatividade”, “entretenimento” e “gamificação”.<sup>8</sup> Onde há a imposição da dimensão do prazer, é bastante improvável que sobre alguma energia mental necessária aos esforços do ato de aprender. Por isso, para Adorno, torna-se tarefa da filosofia, apoiada na psicanálise, investigar as causas e descrever os pressupostos subjetivos que afetam as pessoas em sua constituição na zona do narcisismo, assim como as consequências de uma socialização produzida a partir de movimentos narcísicos de massa, entretanto é tarefa da educação política agir sobre tais implicações sociais.

O principal resultado desta pesquisa é a construção, em ato, do conceito de coletivo narcísico, não como uma síndrome (patologia individual), mas como um *ethos* social – uma nova forma de existência social – que se manifesta culturalmente por meio de sintomas sociais. Concerne a uma síntese que articula três pilares da vida contemporânea: (1) a narcisismo ascendente, pois com a debilitação do Eu (o qual Freud revelou não ser o centro da subjetividade) o Narciso “age” sozinho, ascendendo à consciência. O indivíduo recusa-se a diluir-se no Eu e, mergulhado na imagem de

8 Lembremos que muitos setores educacionais está pleno e aceitou sem ressalvas o discurso da importância da “gamificação” do ensino.

si, busca tamponar a fragmentação psíquica com uma ilusão de completude. A vaidade torna-se a norma social: quem não se projeta (“quem não é e não está”) morre de um vazio simbólico e real; (2) a cultura da imagem e a repulsa à dúvida, porque o coletivo narcísico é impulsionado por uma cultura imagética e pelo excesso do igual. A internet e as redes sociais fornecem um excesso de olhos e espelhos, permitindo a criação e o compartilhamento de um ideal-de-Eu (Narciso ornamentado/editado) que opera como um poder de tamponamento da incerteza, mas não da angústia. O medo do estranho/outro não é mais reprimido, mas foracluído (ignorado). No lugar da dúvida cartesiana, instala-se a angústia e o pânico, um empurrão ao “gozo absoluto”, no qual a mediação (o espírito, o tempo, a reflexão) é usurpada; (3) a identificação a personalidades autoritárias (narcísicas), dado que o coletivo narcísico determina a necessidade compulsiva por um objeto de identificação. As assimilações atuais a figuras autoritárias do passado e do presente evidenciam que o objeto não precisa ser moralmente íntegro ou historicamente positivo; carece apenas servir como referência identitária em um mundo de incertezas. A História, assim, é substituída pela memória fetichizada e banalizada, transformando figuras de horror em ídolos da cultura *pop*.

## A DIALÉTICA DA EXPLORAÇÃO E A PATOLOGIA DA POSITIVIDADE

Nossa discussão se aprofunda na relação entre o *ethos* narcísico e as novas formas de dominação no capitalismo tardio. O totalitarismo digital e a pseudoliberalidade manifestam-se na sociedade hiper-massificada por meio da tecnologia digital, que se configura como um regime totalitário disfarçado de liberdade e autonomia individual. O sujeito, desprovido de subjetividade real, não busca mais transformação social (a revolução), ele deseja desesperadamente se inserir no império das redes, tornando-se um “protegido do sistema”. A massa, hoje, não é mais um conceito que assusta o indivíduo contemporâneo, ele está acomodado e naturalizado em sua condição de massa digital.

Por intermédio do coletivo narcísico, o discurso do desempenho e a autoexploração encontram seu motor ideológico na cultura da eficiência e da performance. A incidência crescente de algumas doenças neurais, transtornos e variadas síndromes (depressão, *burnout*, TDAH) não são acidentes, mas manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. A ideologia do “empresário de si mesmo”, ou do “empreendedor de si mesmo”, por exemplo, constitui uma forma de autoexploração mais eficiente que a mais-valia clássica: “uma escravidão sem senhor identificável”. A busca incessante por metas impossíveis e a multitarefa (o excessivo, o “multi”, o “hiper”) destroem a economia da atenção, fragmenta a capacidade de refletir e aprofundar-se, o que provoca um retrocesso do processo civilizacional.

A sociedade da informação, ao massificar o acesso cultural a mentes sem a devida preparação (semiformação), gera uma barbárie estética (Nietzsche) e um culto do cotidiano (Adorno). A vulgaridade se aprofunda na política, no trabalho e na educação. O narcisismo coletivo exige “conteúdos” específicos (irrelevantes e banais) para um público não democrático que se utiliza da imagem de forma autoritária. A emancipação, neste contexto de escravidão voluntária, torna-se irrelevante, pois o interesse do sujeito é puramente econômico e voltado para si, negando a sociedade como o lugar da diferença.

O uso da tríade teórica demonstrou a complementaridade dialética na análise da dominação (crítica da alienação). Freud fornece a matriz para entender a demanda por completude e a recusa do estranhamento/alteridade: o conceito de narcisismo. Marx, por meio dos conceitos de alienação e de fetichismo, concede a compreensão sobre a estrutura econômica que transforma a História e os ideais em mercadoria (memória fetichizada) e o indivíduo em um explorador de si mesmo. E finalmente Adorno, quem nos empresta os conceitos de indústria cultural e semiformação, confere o diagnóstico cultural que conecta a estrutura psíquica narcísica à massificação midiática, revelando como a tais “inovações tec-

nológicas”, em especial no meio educacional, não passam apenas de novas formas de atingir o público da massa e consolidar a dominação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O NARCISISMO COLETIVO COMO DESISTÊNCIA DA EMANCIPAÇÃO

A linguagem tecnológica nos seduz e nos torna, para além da técnica, dependentes dela. É muito difícil escapar do seu discurso, não nos contentamos em usá-la, necessitamos falar dela o tempo inteiro, pois ela se antecipa quanto a isso. O *expert* em 1001 aplicativos do seu celular não consegue escrever corretamente uma redação de 1001 palavras, porque o discurso tecnológico cria um exército de gênios ignorantes, em outras palavras: semiformados, acolhidos por uma educação determinada por ela. Esses já são educados “pelas” tecnologias, e não por meio delas, por isso suas parcas capacidades críticas nunca se voltam contra o discurso tecnológico.<sup>9</sup>

A educação, em especial a dos adultos, é marcada por uma falta. Educa-se porque falta alguma coisa. Nessa sociedade marcada pelo excesso, não falta nada, a falta é mascarada pelo “tudo é possível”. Por isso mudam-se os propósitos da educação, inclusive para foco nenhum. Ela não se torna mais necessária, pois a função do indivíduo como de peça de máquina foi substituída pela máquina abstrata.

Nossa análise atingiu seu objetivo principal ao construir e consolidar o conceito de coletivo narcísico como a principal conduta do século XXI. Esse *ethos* é a cristalização da vaidade como norma social e da autoexploração como imperativo econômico, tudo mediado por uma cultura da imagem que erradica a dúvida e a reflexão em troca de um prazer imediato e da ilusão de completude.

9 A simples menção à palavra “tecnologia”, à maneira dos cães de Pavlov, costuma provocar, em geral, um sorriso nos rostos das pessoas.

O homem contemporâneo, vivendo sob a égide do totalitarismo do igual, não mais se angustia pela perda da individualidade na massa, ele a deseja. Chegamos ao momento histórico de uma desistência de ideais de sociedade. A liberdade, subjetiva e política, tornou-se irrelevante. O sujeito só reconhece na sociedade aquilo que é seu e aponta para si, e não mais aquilo que seja o lugar da diferença, do outro. A sociedade vira uma extensão da sua projeção narcísica.

A superação desta condição, ou a possibilidade de uma fissura nessa realidade atual, reside na dialética e, implicitamente, na Educação enquanto instância de formação e emancipação. A Educação, pensada no sentido amplo da *Bildung* adorniana (formação cultural e reflexiva), possui um papel crucial e urgente. O coletivo narcísico oblitera a negatividade, a alteridade e o estranhamento. A Educação deve resgatar a capacidade de autocrítica e a tolerância à ambiguidade e ao sofrimento inerentes à condição humana, reinstalando, assim, o estranhamento e a dúvida como parceiros da formação.

Tornar-se fundamental o combate à semiformação e à barbárie estética, formando mentes preparadas e educadas para a apreciação crítica dos bens culturais e do signo. A acessibilidade cultural, sem a preparação para a reflexão, apenas serve à dominação e ao consumo autoritário da imagem. É imprescindível, através do resgate da mediação e da memória, reconquistar a capacidade de concentração, de aprofundamento (destruída pela ideologia da multitarefa), e a dimensão do passado histórico, impedindo a transformação de atrocidades históricas e personalidades autoritárias em meros, respectivamente, acasos temporais e “personagens” inofensivos da cultura *pop*.

Principalmente por meio do uso da plasticidade dialética do pensamento se é capaz de dissolver a dureza do pensamento fetichizado. A tarefa da crítica filosófica, e do campo educacional, é reintroduzir o simbólico (Lacan) – o vínculo libidinal pelos significantes e pela palavra – sobre a hegemonia da imagem (o imaginário narcísico), oferecendo um

anteparo para a angústia e uma via para a redenção social, pois, afinal, o sujeito moral (como em Kant) é ao mesmo tempo o acusado e o juiz.

Em termos sociais, o futuro não é predefinido, por isso faz parte da tragédia humana ter de decidir, a todo instante, “o que fazer de com o que fazem da gente” (Sartre). A crítica e a desconstrução do coletivo narcísico podem representar um passo para tornar essa decisão consciente e, finalmente, emancipada.

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos, pela tranquilidade, pela sabedoria e pelos ensinamentos. Estar sob a sua orientação foi sempre um fator de experiência formativa.

Ao Governo Federal do Brasil, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e institucional por meio do Programa 194 - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), Edital nº 30/2023, seleção 2023/2024, por ter me proporcionado não somente uma experiência formativa profissional, mas também uma formação ética, cidadã e humana.

Ao prof. Dr. Mateu Cabot Ramis (*Universitat de les Illes Balearse*), pelos ensinamentos, pela generosidade e boa vontade com que me recebeu na UIB.

Ao prof. Dr. Ezequiel Ipar (*Universidad de Buenos Aires*) e aos colegas do *Laboratorio de Estudios sobre Democracia y Autoritarismos* (LEDA-UNSAM).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

\_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Tradução: Virginia Helena da Costa, Francisco López Toledo Corrêa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_. **La ideología como lenguaje**: la jerga de la autenticidad. Version española: Justo Perez Corral. Madrid: Taurus, 1971.

\_\_\_\_\_. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. Tradução: Luiz João Baraúna. In: ADORNO, T. W. **Textos escolhidos**. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1996a, p. 86-108.

\_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura. Tradução: Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In: **Educação & Sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação, Ano XVII, nº 56, Campinas: Editora Papyrus, dez/96b, p. 388-411.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

DUNKER, Christian I. L. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, T. W. **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015, p. 11-39.

DRÖGE, Kai *et al.* Institut für Sozialforschung 2023: 100 Jahre IfS | **Perspektiven**. IfS Working Paper Nr. 20. Frankfurt a. M.: Institut für Sozialforschung. Tradução: Bruna Della Torre e Eduardo Altheman, p. 36-46. Disponível em: [www.ifs.uni-frankfurt.de](http://www.ifs.uni-frankfurt.de). Acesso em: 20 agosto 2024.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Traducción Andrés Boglar. Barcelona: Lumen, 1965.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução: Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.